

O IDU, um dos negociados, bate recorde de alta

Título brasileiro da dívida já subiu 3,12% neste mês

Externo - Censurável

por Tatiana Bautzer
de São Paulo

Coroando uma semana de altas sucessivas, o título brasileiro Interest Due and Unpaid (IDU), um dos mais negociados papéis da dívida externa brasileira, bateu ontem o recorde de alta desde seu lançamento no mercado, em 1993: 87 centavos por dólar. No final do dia, a realização de lucros reduziu a cotação do papel para 86,5 centavos por dólar, ainda assim estável em relação a segunda-feira. Só este mês, o papel já subiu 3,12%; desde o final de agosto, a valorização é de 4,5%. Até ontem, a maior cotação alcançada pelo IDU desde seu lançamento havia sido 86,716 centavos por dólar, em dezembro do ano passado.

Os outros títulos brasileiros, como o C-Bond, Par Bond, EI e Discount, acumulam altas em torno dos 10% desde o final de agosto. O C-Bond, um dos mais negociados, subiu 0,23% ontem, fechando a 54,5 centavos por dólar para venda. O C-Bond acumula alta de 2,1% no mês e 9,27% no final de agosto.

O bônus Discount subiu ontem 0,41%, fechando a 61,75 centavos por dólar. O

título EI teve alta de 0,37%. O Par Bond, cotado a 50,25 centavos por dólar, acumula alta de 10% desde o final de agosto e 3,6% no mês.

Segundo o diretor da Lopez Leon Brokers, Marcelo Fleury, há um clima extremamente positivo no mercado internacional em relação ao Brasil, que vem crescendo nas últimas semanas. Os elogios ao Plano Real durante a reunião do FMI em Washington e a antecipação de garantias da dívida externa, feita pelo governo brasileiro, foram as últimas boas notícias recebidas pelo mercado. Mas não foram as únicas: logo no início do mês, o anúncio de que o governo pretende estimular o uso de títulos da dívida externa nas privatizações através de reduções no deságio dos papéis também beneficiou as cotações. "É preciso lembrar ainda a perspectiva de aceleração das privatizações com a troca de comando no BNDES e algum otimismo do mercado em relação às reformas políticas", diz Fleury. Um outro fator, embora com influência menor, também deve ser levado em conta: a partir da data do pagamento dos juros e de ga-

rantias da dívida, o Banco Central brasileiro tem o direito de recomprar os títulos no mercado, o que sempre gera alguma especulação.

Aliada às notícias internas, a queda dos juros pagos pelos títulos públicos nos Estados Unidos cria a conjuntura propícia para que os papéis atinjam novos recordes de alta. Estimulados pelas estatísticas de baixa inflação e redução da atividade econômica nos EUA, os juros nos papéis com vencimento em 30 anos (T-Bonds, que são usados como referência pelo mercado) estão caindo aos menores níveis em vinte meses.

Depois da crise mexicana, segundo Fleury, os papéis brasileiros estão assumindo a função de referência no mercado de títulos da dívida externa de papéis latino-americanos. No último dia, em que os mercados mexicanos se agitaram com o temor de uma nova instabilidade cambial, há uma semana, os títulos mexicanos caíram fortemente, e os argentinos tiveram uma desvalorização razoável. Os bônus brasileiros tiveram a menor desvalorização entre os papéis latino-americanos.